

MUNDO PLURAL

Pastor Eloir Enio Weber
Paróquia do Salvador - Porto Alegre

INTRODUÇÃO

O presente texto foi produzido, inicialmente, para servir de meditação a partir da exegese do texto de 2 Pedro 1.16-21. A sua publicação-se encontra em „Proclamar Libertação 38“, ano 2014. O texto está inseserido no contexto do Último Domingo após Epifania (02/03/14).

A partir dos autores destacados na bibliografia, faço uma análise social e o contexto religioso atual.

PLURALIDADE

Mundo plural. Sociedade multicolor. Talvez sejam conceitos que se aplicam bem ao que vimos até aqui. O cristianismo logo começou a deparar-se com esta realidade. Até porque começou, ele próprio, a partir da espiritualidade judaica, como uma forma diferente de ler a relação de Deus com o seu povo e entre os seres humanos.

O cristianismo, por si só, é um movimento multicolor. Quando começou a expandir-se para o mundo “pagão”, de forma definitiva, defrontou-se com esta realidade em uma sociedade greco-romana. No segundo século, estas expressões de pluralidade evidenciaram-se.

Assim, precisou adequar-se, muitas vezes, sem, no entanto, perder a essência. O cristianismo, então, desenvolveu-se em contexto urbano, portanto, plural. Conviver e estabelecer-se em um mundo plural, porém, é um desafio.

Na realidade atual, não muito diferente do que no tempo bíblico, é necessário traduzir a mensagem do evangelho para dentro da realidade multicolor da cidade, a

qual cidade tem encantos. Atrai. É lugar de seres humanos com pecados, limitações, chagas e angústias.

Aliás, tende a ressaltar o que há de mais humano, ou seja, o individualismo e a busca por espaço e sobrevivência a qualquer custo. Dessa forma, o pecado pode ser vivenciado de forma mais livre, porque a vida é menos controlada.

Além disso, migrar para a cidade é viver de forma emancipada. A cidade, assim, concentra mais o pecado, já que reúne mais pessoas. Na realidade, pode multiplicar o pecado, constituir uma imagem do mal. Não se pode esquecer, no entanto, de que também representa o Reino de Deus. É, portanto, a síntese do pecado e da nova criação de Deus.

Para dentro dessa realidade a mensagem bíblica necessita ser clara. A Bíblia, no Novo Testamento, ressalta que, apesar da cidade ser espaço de pecadores, o Reino de Deus é prefigurado de forma plena numa Nova Jerusalém, oferecida por Deus, que desce do céu. A cidade, portanto, não está alheia ao Reino de Deus, pois esse se realiza nos e pelos seres humanos.

Na cidade, não se aceita o argumento da autoridade e, muito menos, a imposição. Não basta ditar as regras de uma religiosidade. As pessoas não se submetem a elas. Precisam convencer-se (não serem convencidas) pessoalmente. Além disso, a religiosidade não pode ser resumida a uma recitação de verdades absolutas e regras a serem seguidas.

Necessita-se também de conceitos balizadores, ferramentas e uma espiritualidade que auxilie na busca por caminhos, processos, métodos que façam sentido para a vida e o dia a dia. Por isso, urge que a igreja fale para adultos. Passou o tempo em que os membros deveriam ser tratados como crianças na fé de forma permanente.

É necessário que a igreja seja capaz de provocar uma verdadeira e constante conversão nos adultos. Caso contrário, ela verá os seus membros afastarem-se dela sem

drama e com toda a tranquilidade. A que, na cidade, fecha-se em si e vive do passado glorioso será eliminada da cidade. Nada, na cidade, é estável.

Por isso, precisa estar em constante estado de missão - e a cidade é, por excelência, espaço de missão. Até os membros de famílias tradicionais deixam de participar se a sua fé não se renova sem cessar. Havia um tempo em que a igreja preocupava-se em manter seus membros e famílias.

Hoje, em contexto urbano, ninguém segura ninguém dentro de uma igreja. É necessário renovar sem cessar as adesões, fazer novos membros, cuidar da fidelidade dos mais antigos e convencer-se de que ninguém mais bebe de uma única fonte religiosa.

Então, tudo vale neste contexto? Não! Não podemos "vender a nossa alma". Temos uma teologia, um compromisso com a ética evangélica. Temos um jeito de ser igreja de Jesus Cristo, uma essência da qual não podemos abrir mão sob o risco de perdermos o nosso lugar, perfil e seriedade com a qual tratamos a espiritualidade cristã.

Não podemos abrir mão da centralidade de Cristo. A Teologia da Cruz tem eco para dentro das necessidades humanas na atualidade. Não está esgotada. Pelo contrário, as pessoas têm sede e querem analisar as suas cargas e chagas da vida através do prisma do sacrifício de Cristo.

Diferentemente do que nas últimas décadas, não querem mais um Deus "super-herói". A vida já lhes surrou demais e já aderiram a uma religiosidade da glória que não conseguiu dar respostas. Até porque não enriqueceram de forma mágica, os familiares não foram curados da noite para o dia com um milagre mirabolante.

Temos o nosso jeito de viver comunidade, como sociedade de contraste. Precisamos exercitar com bastante ênfase o acolhimento, mostrar interesse em ouvir. Dizer com coragem que não temos respostas prontas para tudo, mas que

queremos ser parceiros de luta e de caminhada. Exercitar a oração, a leitura bíblica, a reflexão. Traduzir a nossa riquíssima visão de ser humano, cunhada pelo nosso reformador: somos simultaneamente justos e pecadores.

As pessoas já foram demasiadamente acusadas de não terem fé, por não conseguirem estancar o mal na sua vida. A descoberta de que somos justos e pecadores é uma libertação da necessidade e da cobrança pela perfeição que há no mundo pentecostal.

A visão de que não estamos dominados pelo diabo por não conseguirmos nos libertar por conta própria do pecado, como prega o neopentecostalismo, é uma mensagem que precisa ser revelada ao mundo. Temos muito espaço. Não estamos sós. Sejamos nós, como Igreja de Cristo, *"como uma candeia que brilha em lugar tenebroso, até que o dia clareie e a estrela da alva nasça"* (2 Pedro 1.19).

BIBLIOGRAFIA

COMBLIN, José. **Viver na Cidade - Pistas para a Pastoral Urbana**. 2ª edição. São Paulo: Paulus, 1996.

SAVIANO, Brigitte. **Pastoral nas Megacidades - Um Desafio para a Igreja da América Latina**. São Paulo: Edições Loyola, 2008.